

Gabriela Ardisson Matos
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**Estruturas Binárias e Monocêntricas em Sintaxe:
algumas observações sobre a coordenação de projecções máximas**

0. Introdução

Foi prática corrente em Sintaxe assumir-se que a par de conjunções que ligam apenas dois membros coordenados existem outras que podem ocorrer em estruturas de coordenação múltipla. Contrariamente a esta posição, KAYNE 93 propõe que todas as estruturas de coordenação sejam analisadas em termos de esquemas hierárquicos binários, redutíveis às configurações previstas pela Teoria X barra:

$$(1) \quad [\text{Conj}]P \chi^n [\text{Conj}' \text{Conj} | \chi^n] |$$

De acordo com esta hipótese, as estruturas coordenadas são projecções de um único núcleo, Conj, e os membros coordenados são respectivamente o complemento e o especificador de Conj. A possibilidade de frases com mais de dois membros coordenados resulta da reaplicação do esquema X-barra.

Procurarei demonstrar que existem dados empíricos que favorecem a redução de coordenação múltipla a instâncias iteradas de coordenação binária, e que o esquema (1) permite captar contrastes de gramaticalidade, explicáveis em termos da Teoria da Ligação, que sugerem que o nó mais cimeiro da estrutura coordenada é um segmento não distinto do primeiro termo coordenado. Com efeito, as particularidades da coordenação reduzem-se, como esperado no âmbito do Programa Minimalista, às propriedades do núcleo funcional Conj. Ao longo deste trabalho será apenas considerado o caso da coordenação de projecções máximas.

1. Coordenação, binarismo vs "n-arismo" e níveis de coordenação

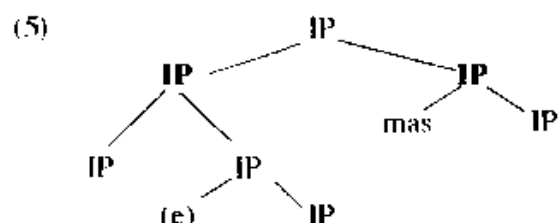
No âmbito da Gramática Descritiva (cf. QUIRK & GREENBAUM 73) e da Gramática Generativa Transformacional (cf. LAKOFF & PETERS 66, ROSS 67, PESEFSKY 82) foi evidenciado que, embora algumas conjunções coordenativas sejam binárias (é o caso de "mas"), outras (como "e" e "ou") podem coordenar mais de um constituinte:

- (2) Ela apresentou queixa mas as autoridades não lhe deram razão
(3) a. O Luís vai ao cinema, o Pedro vai ao teatro, e a Ana fica em casa
b. Ela fez ou um seminário, ou uma conferência ou uma comunicação

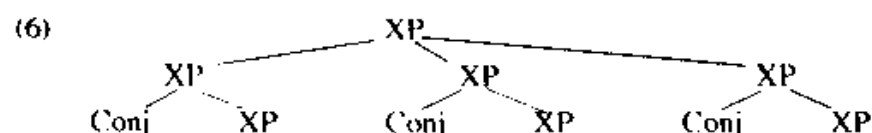
O carácter binário da conjunção "mas" é atestado por frases como (4a), em que apesar da presença de três membros coordenados, a única interpretação possível é a explicitada em (4b):

- (4) a. O Luís vai ao cinema, o Pedro vai ao teatro, **mas** a Ana fica em casa
 b. O Luís vai ao cinema e o Pedro vai ao teatro **mas** a Ana fica em casa
 c. * O Luís vai ao cinema, **mas** o Pedro vai ao teatro, **mas** a Ana fica em casa

Note-se que a caracterização de uma estrutura de coordenação como binária ou múltipla só pode ser feita em termos de um único nível de coordenação. Assim, como indicado em (5), a frase (4a) comporta dois níveis de coordenação - a da coordenação copulativa e a da adversativa. A coordenação com "mas" envolve apenas dois membros coordenados, os indicados a negrito:



Pelo contrário, nas frases com "e" e "ou", é possível considerar que mais de dois membros coordenados se associam num mesmo nível de coordenação. Assim, a representação em (6), decorrente das propostas de ROSS 67 e até recentemente aceite no âmbito da Gramática Generativa Transformacional, apresenta a estrutura de coordenação de frases como (3):



No esquema (6), XP é uma projecção máxima que assume em (3a) o valor de IP, e em (3b) o valor de DP.

2. Conectores de coordenação e Teoria X-barra

A aceitação da existência de conjunções coordenativas não-binárias, levou os linguistas a formular esquemas categoriais em que uma só conjunção está associada a vários termos coordenados (cf. LAKOFF & PETERS 66 e ROSS 67), como ilustrado em (7), ou em que a conjunção é tratada como um constituinte descontínuo (cf. PESEFSKY 82) - veja-se (8):

- (7) $XP \rightarrow \text{Conj } XP^n$
 em que: (i) Conj=e, ou
 (ii) $n \geq 2$ (cf. ROSS 67)

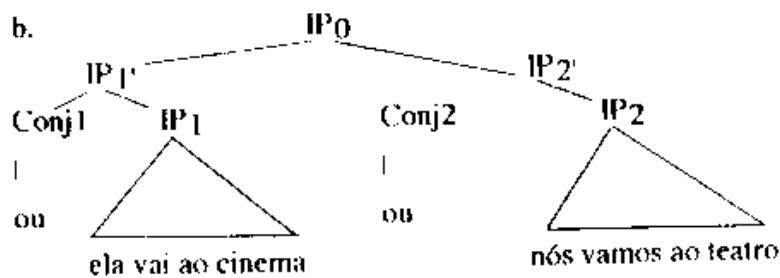
Segundo Ross, uma regra de cópia insere posteriormente uma instância da conjunção em questão em cada um dos membros coordenados.

(8) $X \rightarrow |X \text{Conj}^i X|^*$ (cf. PESETSKY 82)

Para Pesetsky, em (8), X é o núcleo categorial do constituinte, embora Conj seja o seu núcleo temático. O superescrito indica que as ocorrências de Conj não são distintas e a estrela de Kleen, que o constituinte pode ser indefinidamente iterado.

As coordenações com conjunção inicial parecem argumentar a favor de um esquema categorial como (8). Elas são facilmente analisadas em termos do referido esquema (veja-se (9)) e fornecem, aparentemente, evidência empírica para considerar as conjunções presentes numa estrutura coordenada como núcleos descontínuos - de facto, como os exemplos em (10), (11) e (12) indicam, nas coordenações com conjunções iniciais, estas são correlativas:

(9) a. Ou ela vai ao cinema ou nós vamos ao teatro



(10) a. Ou ela vai ao cinema ou nós vamos ao teatro

b. *Ou eu vou ao cinema ou nós vamos ao teatro

(11) a. Ele disse quer que amava a Maria quer que a Maria o amava

b. *Ele disse quer que amava a Maria ou que a Maria o amava

(12) a. Nem a Maria trabalha nem as crianças passeiam

b. *Nem a Maria trabalha e as crianças não passeiam

Porém, a regra (8) é dificilmente integrável na Teoria de Princípios e Parâmetros actual. Neste quadro de referência: (i) postula-se a inexistência de regras categoriais; e (ii) assume-se que todas as representações sintácticas têm de ser conformes com a convenção X-barra, explicitada em (13).

- (13) a. X
 b. $|x' X|$
 c. $|x''|x' X||$

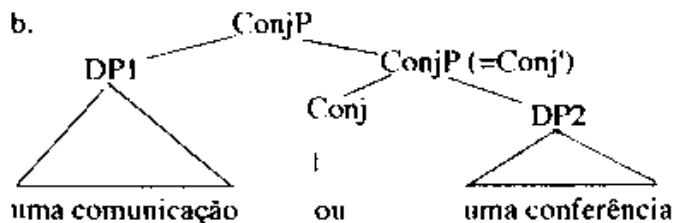
(CHOMSKY 93, (18))

Note-se que, ainda que por motivos diversos, em KAYNE 93 e em CHOMSKY 94, X' é igual a XP . Assim, em CHOMSKY 94, X' é igual a XP , porque X^0 e XP são considerados como os únicos níveis de projecção visíveis pelo sistema computacional.

Um diagrama como (9) não respeita os requisitos do esquema X-barra, na medida em que assume que as estruturas coordenadas exibem mais de um núcleo, qualquer que seja o conceito de núcleo adoptado. Com efeito, se admitirmos que só X^0 (i.e. categorias de nível de palavra) podem ser núcleos, $IP0$ (a projecção mais cimeira da estrutura coordenada) é analisada (i) ora como uma projecção sem núcleo (dominando $IP1'$ e $IP2'$), (ii) ora como uma projecção que tem mais de um núcleo (ou um núcleo descontínuo) - $Conj1$ e $Conj2$. Por outro lado, se aceitarmos que os núcleos não se restringem a X^0 , podemos com PESETSKY 82, considerar que, em (9), $IP0$ tem mais de um núcleo - $IP1$ e $IP2$.

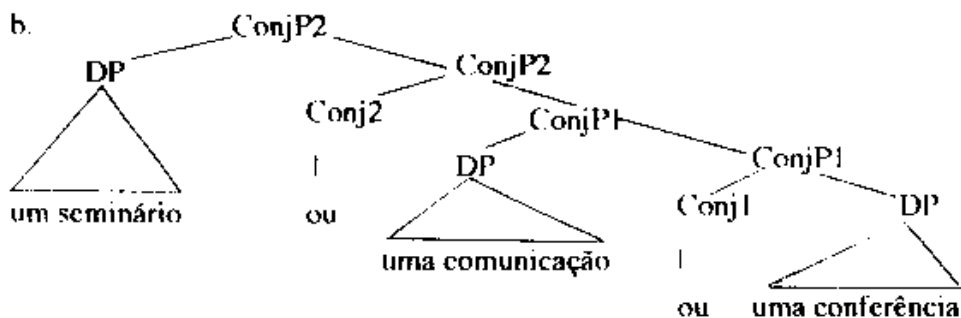
Estendendo a Teoria X-barra às estruturas coordenadas, KAYNE 93 assume que estas se projectam a partir do núcleo $Conj$ e que podem ser sistematicamente analisadas em termos estritamente binários: o primeiro membro coordenado é o especificador de $Conj$ e o segundo, o seu complemento. Exemplificando:

(14) a. Ela fez uma comunicação ou uma conferência



Segundo Kayne, a possibilidade de coordenação múltipla, como em (15a), resulta da reaplicação do esquema X-barra. Adoptando a estratégia "bottom up" sugerida em KAYNE 93 e no Programa Minimalista, em (15a), a conjunção selecciona por complemento uma estrutura coordenada como a presente em (14), e por especificador o primeiro membro coordenado.

(15) a. Ela fez um seminário ou uma comunicação ou uma conferência



Ao reduzir a coordenação ao esquema X-barra básico, Kayne atribui às estruturas coordenadas duas propriedades - o binarismo e a mono-nuclearidade. Ao nível da validação empírica desta hipótese, estas duas propriedades podem, contudo, ser testadas isoladamente. É o que passarei a fazer nas secções seguintes.

3. Binarismo em estruturas coordenadas e frases elípticas

Uma evidência para o binarismo é fornecido por frases coordenadas elípticas exibindo contrastes de polaridade. Ele permite explicar o diferente estatuto de gramaticalidade de frases como as seguintes:

- (16) a. O João não tem ido ao cinema, a Maria tem ido ao cinema sozinha e o Pedro também tem [-]
 b. * O João não tem ido ao cinema, a Maria tem ido ao cinema sozinha e o Pedro também não tem [-]

As frases elípticas em (16) (instâncias de SV Nulo), apresentam fenómenos de polaridade - a frase com "também" só pode ter por correlato uma frase com polaridade positiva; por seu turno, "também não" só pode associar-se a uma frase com polaridade negativa.

A marginalidade de (16b) permite-nos levantar duas hipóteses quanto à configuração estrutural requerida: (i) ou a frase antecessora é o constituinte que imediatamente precede a frase elíptica (i.e., "a Maria tem ido ao cinema sozinha"); (ii) ou a frase antecedente tem de ocorrer na sub-estrutura coordenada binária mínima em que se encontra hierarquicamente integrada a frase elíptica (i.e., "a Maria tem ido ao cinema sozinha e o Pedro também não tem [-]").

Os seguintes exemplos sugerem, contudo, que a precedência imediata não é o factor relevante, pelo que a hipótese (i) deve ser descartada:

- (17) a. [O rumor de que o João não estava a escrever um romance sugeria que ele estava doente]
 [mas a verdade é que ele estava [-]]
 [-] = a escrever um romance
 b. [O rumor de que o João não estava a escrever um romance sugeria que ele estava doente]
 [e a verdade é que ele estava [-]]
 [-] = doente

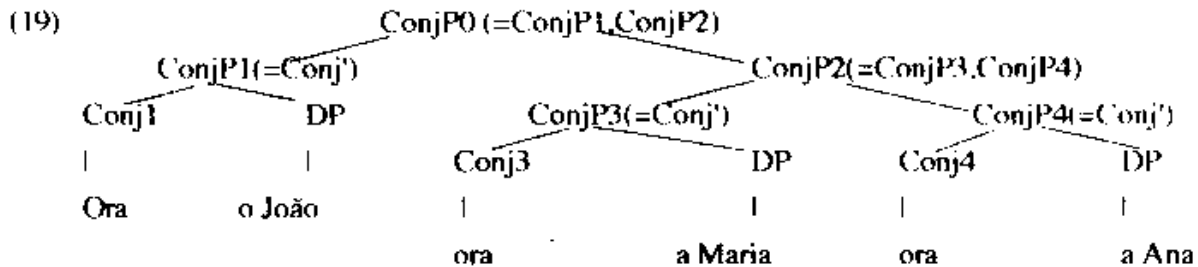
Em (17), a frase que precede imediatamente a oração elíptica é "que ele estava doente". Porém, como (17a) e (17b) mostram, ambas as orações subordinadas do primeiro membro coordenado podem servir de antecedente à frase elíptica. Consequentemente, deve concluir-se que, numa estrutura coordenada, o requisito relevante para que uma frase elíptica encontre o seu antecedente é este figure na sub-estrutura coordenada binária mínima em que ambos estão integrados.

Em suma, embora a argumentação seja escassa, ela mostra a plausibilidade da natureza binária da coordenação.

4. Mono-nuclearidade e estruturas de coordenação

Aceitar que toda a coordenação é redutível a ramificação binária não implica, porém, necessariamente considerar que em cada estrutura coordenada existe apenas um núcleo X⁰, a partir da qual se projecta, como no esquema básico da Teoria X-barra. Assim, embora binária, a representação (19), inspirada na proposta clássica de Pesetsky 82, não é conforme com o endocentrismo mono-nuclear da Teoria X-barra.

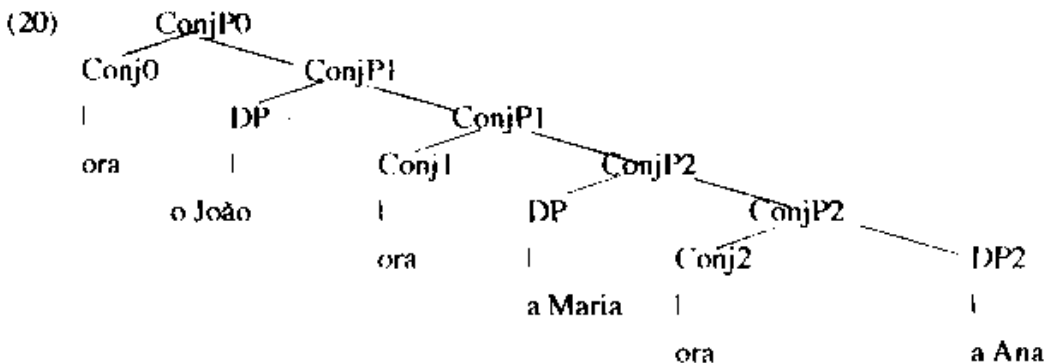
(18) Ora o João, ora a Maria, ora a Ana espreitavam à janela



Nesta representação, a projecção máxima cimeira de uma estrutura coordenada não é a projecção de um único núcleo Conj. De facto, o que (19) propõe é o seguinte: ConjP1, ConjP3 e ConjP4 são projecções dos respectivos núcleos. Contudo, ConjP2 é uma projecção simultânea de ConjP3 e de ConjP4. Do mesmo modo, ConjP0 é uma projecção de ConjP1 e de ConjP2.

4.1. Conjunções iniciais e núcleo nas estruturas coordenadas

Procurarei, contudo, demonstrar que, embora aparentemente adequadamente captadas em representações como (19), frases como (18), representativas das estruturas de Coordenação Inicial não nos fornecem um argumento decisivo contra a análise monocentrica da coordenação, proposta em KAYNE 1993. Considere-se, com efeito, a representação (20):



Em (20), cada ConjP é a projecção de um único núcleo Conj. A conjunção inicial mais cimeira, i.e., Conj0, não apresenta qualquer especificador, introduzindo assim uma assimetria nos diferentes membros coordenados, contra o previsto pela aplicação do esquema X barra clássico.

Assim, o primeiro problema que se põe à hipótese binarista mono-nuclear da coordenação é como explicar a presença da conjunção inicial cimeira em configurações como (20). De acordo com esta hipótese, a única possibilidade de explicar essa ocorrência é retirar-lhe o papel de verdadeira Conjunção e atribuir-lhe o papel de marcador de escopo da coordenação. A ideia é plausível se atentarmos em frases como as seguintes:

- (21) a. Não só o Pedro foi ao cinema mas também/ainda a Ana foi ao teatro
 b. O Pedro não só foi ao cinema mas também foi ao teatro
 c. * O Pedro não só foi ao cinema, mas também a Ana foi ao teatro
- (22) a. Ora a Maria chora ora o Pedro ri
 b. A Maria ora chora ora ri
 c. ?? A Maria ora chora ora o Pedro ri

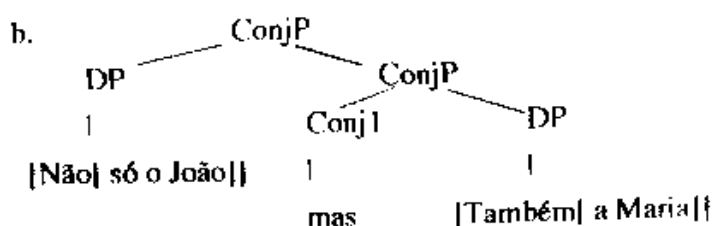
Em (21), "não só" é o elemento focalizador de polaridade negativa que entra em contraste com "mas também/ainda". A colocação de "não só" determina a extensão do constituinte a coordenar - veja-se a marginalidade de (21c). Os mesmos contrastes se verificam em (22).

Porém, um problema subsiste: que posição na estrutura em constituintes ocupam estes marcadores de escopo da coordenação? Duas hipóteses possíveis se colocam. Passarei a enunciá-las:

Se aceitarmos que o marcador de escopo inicial afecta toda a estrutura coordenada, a representação em (20) parece adequada - nesta representação o marcador de escopo ocupa a posição de núcleo de Conj, e a posição de Especificador de ConjP não se projecta, uma vez que não há evidências explícitas dessa projecção (uma hipótese conforme com o programa Minimalista).

A segunda hipótese seria considerar que o marcador de escopo de coordenação não afecta a estrutura coordenada na sua globalidade, mas apenas o primeiro membro coordenado, como ilustrado em (23).

- (23) a. Vi não só o João mas também a Maria.



Esta última alternativa parece-me a mais adequada (pelo meonos para frases como (23a)). Porém, só uma investigação exaustiva desta questão, que não cabe no âmbito deste trabalho, poderá validá-la (ou não).

Finalmente, um argumento adicional favorece a análise X-barra monocentrica da coordenação - ela permite tratar do fenómeno das "Conjunções Correlativas", dispensando a ideia de núcleo descontínuo:

- (24) a. Ela fez um seminário, uma comunicação ou uma conferência
 b. Ela fez um seminário ou uma comunicação ou uma conferência
 c. * Ela fez um seminário ou uma comunicação quer uma conferência

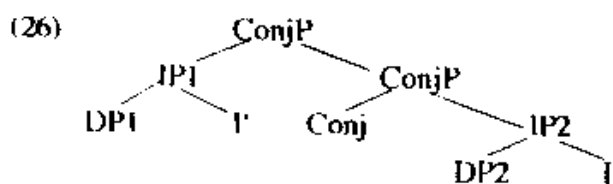
De facto, se assumirmos que uma Conj(unção) é um X° que subcategoriza uma estrutura coordenada, esperamos que ela imponha restrições sobre o núcleo desta última, a própria Conj. Estas restrições de um núcleo sobre o núcleo dos seus complementos estão sistematicamente atestadas para outras categorias sintácticas. Assim, por exemplo, em (25), o predicador verbal, "perguntar", subcategoriza um CP com um C° interrogativo:

- (25) a. Pergunto ~~se~~ a Maria leu esse livro
 b. * Pergunto que a Maria leu esse livro

Sintetizando: as Coordenações com Conjunção Inicial sugerem que não há contra-evidências claras à hipótese binarista mono-nuclear da coordenação. Embora pareçam privilegiar as análises clássicas que vêem os termos coordenados como nós irmãos simétricos, é, contudo, possível sustentar uma versão X-barra monocentrica da coordenação inicial.

4.2. O primeiro membro coordenado como especificador e a Teoria da Ligação

A adopção para a coordenação de uma estrutura binária mono-nuclear, permite fazer previsões quanto às relações de Ligação que se estabelecem entre os elementos nas estruturas de coordenação frásicas, designados como IP:



Se admitirmos que IP1 é o especificador de Conj e IP2 o seu complemento, então IP1 c-comanda (cf. (27)) IP2 e os constituintes dominados por IP2. Porém, nenhum dos constituintes dominados

por IP1 c-comanda IP2 ou os constituintes dominados por IP2. Assim, por exemplo, DP1 não c-comanda IP2 nem DP2 porque IP1, que domina DP1, não domina DP2.

(27) C-comando

X c-comanda Y se todo o Z que domina X, domina Y
e X e Y são "disconnected"

em que: 2 categorias, X e Y, são "disconnected"

se $X \neq Y$ e nenhuma delas dominar a outra

(CHOMSKY 94, (36))

Deste modo, esperaríamos que, nas coordenações frásicas, as relações de co-referência se estabelecessem como em (28), frases que envolvem uma completiva sujeito e outra objecto, e em que a completiva sujeito, quando é infinitiva, pode estar inserida num DP (cf. (28c)).

- (28) a. Que ela_i leia esse livro prova que a Maria_j se interessa pelo assunto
b. Ela_i ler esse livro mostra que a Maria_j se interessa pelo assunto
c. O ela_i ler esse livro indica que a Maria_j se interessa pelo assunto

As representações (29) visualizam a estrutura relevante atribuída aos exemplos (29):

- (29) a. [IP₁ [CP Que [IP₂ ela_i leia esse livro]] prova que a Maria_j se interessa pelo assunto]
b. [IP₁ [CP Ela_i ler esse livro] mostra que a Maria_j se interessa pelo assunto]
c. [IP₁ DP O [ela_i ler esse livro]] indica que a Maria_j se interessa pelo assunto]

Nestas frases um pronome em especificador de IP da oração completiva sujeito pode ser co-referente com uma expressão-R sujeito da oração completiva objecto, dado que não há infracções da Teoria da Ligação - recordem-se os princípios da Teoria da Ligação, como propostos em CHOMSKY 1993 e CHOMSKY & LASNIK 1991:

(30) Teoria da Ligação

Princípio A. Se α for uma anáfora, interprete-a como co-referencial com um sintagma que a c-comande em D.

Princípio B. Se α for um pronominal, interprete-o como disjunto de todo o sintagma que o c-comande em D.

Princípio C. Se α for uma expressão-R, interprete-a como disjunta de qualquer sintagma que a c-comande. (cf. CHOMSKY 93, (52))

em que: D= Complexo Funcional Completo, i.e. a projecção com todas as relações gramaticais compatíveis com o seu núcleo que contém α , o regente de α e em que as condições de ligação de α podem ser satisfeitas (cf. CHOMSKY & LASNIK 91, (222)).

Como as representações em (29) mostram, em (28), o pronome "ela", de acordo com o Princípio B, é livre no seu domínio de ligação - o IP2. Por seu turno, a expressão-R, "a Maria", é A-livre, em conformidade com o Princípio C. De facto, "ela" em especificador de IP da oração subordinada sujeito não c-comanda o DP "a Maria" na oração completiva objecto, pois existe uma ou mais categorias distintas de IP) que dominam o pronominal e não dominam a expressão-R⁽¹⁾.

4.2.1. Infracções do Princípio C

Dada uma configuração como (26), os contrastes de gramaticalidade entre dos exemplos (31) e (32) são inesperados:

- (31) A Maria_i viu esse livro na livraria mas (ela_j) decidiu não o comprar
 (32) *Ela_i viu esse livro na livraria mas a Maria_j decidiu não o comprar

Repare-se, antes de mais, que a agramaticalidade de (32) não pode ser atribuída ao facto de o pronome preceder o seu antecedente, uma vez que o mesmo se passa nas frases bem formadas, em (33) e (34):

- (33) Ele viu-a_j na livraria, mas a Maria_i não o viu
 (34) a. Ele gosta dela_j e a Maria_i sabe isso muito bem
 b. Ele ofereceu-lhe_j um disco nos anos e a Maria_i ficou muito contente
 c. (?) Não sei se ela_j chora porque está triste, ou se a Maria_i chora apenas para chamar a nossa atenção

Assim, assumo que o contraste entre os exemplos (32) e (33)-(34) se deve à posição hierárquica que o pronominal e a expressão-R ocupam nas configurações sintácticas, atribuindo a marginalidade de (32) a uma infracção do Princípio C da Teoria da Ligação. Ou seja, admito que (32) deve ser aproximado de casos-padrão como o seguinte, em que a co-referência é impossível porque o pronominal c-comanda a expressão-R⁽²⁾:

- (35) * Ela/pro_j disse que a Maria_i decidiu não o comprar
 (cf. A Maria_i disse que pro_j decidiu não o comprar)

Note-se, porém, que atribuindo a (32) a configuração (26), não esperaríamos qualquer infracção da Teoria da Ligação. Como (36) evidencia, nesta configuração (i) não só o pronome sujeito do primeiro membro coordenado não é c-comandado pela Expressão-R no seu Domínio de Ligação, ou seja em IP1, (ii) como a expressão-R, sujeito do segundo membro coordenado, não está no domínio de c-comando do pronome "ela".

- (36) *| ConjP [IP Ela_i viu esse livro na livraria] | ConjP mas [IPa Maria_j decidiu não o comprar]]

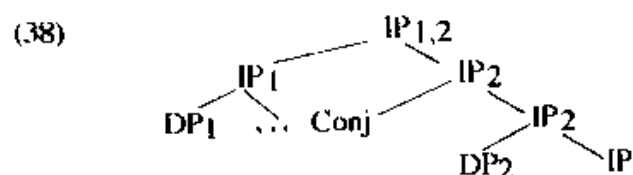
Estes dados sugerem, pois, que as estruturas de coordenação, em particular de coordenação frásica, são desadequadamente tratadas em termos do esquema básico monocêntrico da Teoria X-barra.

4.2.2. As configurações requeridas

Ao atribuir a agramaticalidade de uma frase como (32), repetida em (37), à infracção do princípio C da Teoria da Ligação, estou a levantar a hipótese de que nas configurações de coordenação de IPs, um DP em especificador de IP do primeiro membro coordenado c-comanda um DP em especificador de IP do segundo membro coordenado⁽²⁾.

(37) *Ela_i viu esse livro na livraria mas a Maria_j decidiu não o comprar

Adoptando a versão clássica da coordenação é possível dar conta destas relações de c-comando:



Com efeito, numa configuração como (38), ambos os termos coordenados se projectam numa única projecção máxima cimeira, como nós irmãos simétricos. Essa projecção máxima cimeira conta como um segmento da projecção máxima de cada termo coordenado. Em (38), DP₁ c-comanda DP₂ porque: (i) DP₁ é diferente de DP₂, e DP₁ não domina DP₂, nem vice-versa; e (ii) DP₁ e DP₂ são dominados por IP₁ e IP₂, projecções que podem ser consideradas como não-distintas, uma vez que partilham o segmento mais cimeiro (por outras palavras, DP₁ e DP₂ estão incluídos na mesma categoria).

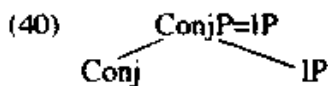
Assim, para dar conta das relações de c-comando que se estabelecem entre as posições de Especificador das projecções máximas dos membros coordenados, somos levados a considerar uma das seguintes hipóteses: (i) ou o esquema X-barra mono-nuclear deve ser rejeitado; (ii) ou deve articulado com uma adequada caracterização do núcleo funcional Conj, de forma a captar as relações que eram correctamente captadas nos esquemas categoriais clássicos, especificamente propostos para a coordenação. Na verdade, esta última solução seria preferível, uma vez que pressupõe a existência de um único esquema categorial universal, i.e., para todas as línguas, e para todas as configurações estruturais de uma língua. Procurarei demonstrar que a segunda hipótese é viável, desde que completada com uma correcta caracterização do núcleo Conj.

Suponha-se que Conj é um núcleo funcional que é especificado no Léxico com as seguintes propriedades: (i) Conj selecciona dois termos - um complemento e um especificador, aos quais,

dada a sua natureza funcional, não atribui relação temática. (ii) Conj não impõe qualquer restrição categorial aos termos que selecciona (DPs, PPs, CPs, IPs, etc), não exigindo mesmo, como atestado em (39), que os termos coordenados partilhem a mesma categoria:

- (39) a. Um rapaz {[AP simpático] e [PP de boas falas]} entrou
 b. Um livro {[AP importante] mas [CP que ninguém encomendava por ser caro]} foi finalmente adquirido pela biblioteca do Departamento.
 c. Ele não disse {[DP uma palavra sobre o assunto] [nem que estaria disponível para o resolver]}

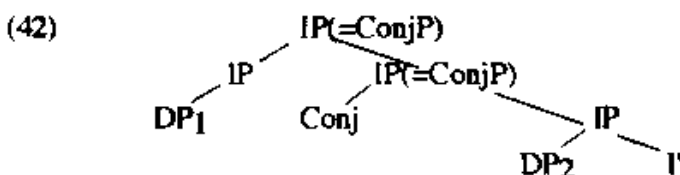
Finalmente, (iii), como implicitamente sugerido na literatura (cf. Pesetsky 82 - ver esquema (8), neste trabalho), Conj é um núcleo categorialmente deficitário e transparente, que herda a natureza categorial do seu complemento (cf. MATOS 94). Deste modo, quando Conj subcategoriza um complemento IP, a sua projecção máxima, ConjP, assume o valor categorial IP, como em (40):



A interacção do núcleo funcional Conj, assim especificado, com o esquema X-barra binário e monocentrico, repetido em (41), permite obter as configurações que explicam as infracções do Princípio C na frase (32).

- (41) (i) [X]
 (ii) [XP X YP]
 (iii) [XP ZP XP]

Suponha-se que, quando o especificador de ConjP (i.e., o primeiro membro coordenado) é categorialmente idêntico a ConjP (e, consequentemente, ao seu complemento), o sistema computacional interpreta a projecção máxima (cimeira) ConjP como categorialmente não-distinta do primeiro membro coordenado:



Por outras palavras, numa configuração como (42), IP em especificador de ConjP=IP, não exclui o ConjP=IP em que está integrado, sendo, pois, as suas instâncias de IP interpretadas como segmentos de uma única categoria (cf. (43)).

(43) Exclusão

X exclui Y se nenhum dos segmentos de X dominar Y

Nestas circunstâncias, DP₁ C-comanda DP₂, e os efeitos de infracção do Princípio C presentes em frases como (32) são trivialmente captados.

Como é possível verificar, a explicação destes efeitos foi conseguida sem que fosse introduzida qualquer alteração ao esquema X-barra básico. Todas as "alterações" incidiram na especificação do núcleo funcional Conj, caracterizado como um núcleo categorialmente deficitário e transparente.

Repare-se, porém, que a análise apresentada põe em causa a hipótese central de KAYNE 93 - a de que a linearidade dos elementos numa frase decorre das relações de c-comando assimétrico entre os constituintes: com efeito, ao prescindirmos da noção de exclusão entre especificador de um XP e esse XP, estamos a estabelecer uma relação de c-comando simétrico entre os membros coordenados⁽³⁾. Consequentemente, contrariamente ao proposto em KAYNE 93, somos levados a assumir que a ordem linear dos membros coordenados, uma vez que não é uma consequência de c-comando assimétrico, tem de ser captada em termos de precedência linear.

Concluindo:

1. Ao nível da Sintaxe é plausível assumir uma análise binária da coordenação.
2. O esquema X-barra básico (binário e monocentrico) permite dar conta das estruturas coordenadas, desde que complementado por uma adequada caracterização no Léxico do núcleo funcional Conj.
3. Quando a projecção cimeira de uma estrutura coordenada, e a projecção máxima do primeiro membro coordenado são categorialmente idênticas, elas são interpretadas pelo sistema computacional como segmentos de uma mesma categoria, pelo que os termos coordenados se c-comandam simetricamente.
4. Finalmente, dado que na coordenação é requerido c-comando simétrico entre os constituintes coordenados, a noção de precedência linear não parece poder ser irradicada da gramática e sistematicamente deduzida da relação de c-comando assimétrico.

Notas:

(1) A estrutura a atribuir a frases como (28b) tem sido alvo de controvérsias. RAPOSO 87 assume que os sujeitos frásicos não inseridos explicitamente em DPs são IPs. AMBAR 92 considera que os verbos que seleccionam argumentos factivos (como parece ser o caso de "mostrar" no que diz respeito ao seu argumento externo) seleccionam sistematicamente DPs, com D nulo ou foneticamente realizado. Por seu turno, DUARTE 94 propõe que os argumentos infinitivos factivos sejam analisados como CPs. Em qualquer dos casos pelo menos a projecção IP é assumida por qualquer destas análises. Note-se, porém, que, no caso de os sujeitos frásicos serem apenas projecções de IP, como em RAPOSO 87, é necessário considerar, que apesar de categorialmente

idênticos, o IP em especificador do IP da oração subordinante e este último IP contam como duas categorias distintas. Com efeito, como veremos, só esta propriedade permite explicar a possibilidade de co-referência entre o pronominal e a expressão-R em (28b). Não é, porém, óbvio que o sistema computacional assim proceda, como se evidenciará na secção (4.2.2.).

(2) REINHART 83 e WILLIAMS 94 não atribuem a marginalidade dos exemplos (i)-(ii) a infrações do Princípio C da Teoria da Ligação:

- (i) * She_i enter the room and Rosa_j collapsed (REINHART 83)
- (ii) *His mother_j came to the track and a friend of mine_i won the derby (WILLIAMS 94)

Consideram, antes que a sua inaceitabilidade se deve a condições discursivas (pragmáticas) que repousam na linearidade, assumindo que ao nível da gramática do discurso um pronome não pode preceder o seu antecedente. Assim sendo, as suas análises são incapazes de explicar porque é que frases como (iii) são bem formadas:

- (iii) Ele viu-a_j mas a Maria_i não o viu

No entanto, inexplicavelmente, tanto para a nossa análise como para Reinhart e Williams, existem alguns casos em que um DP (pronominal) em posição de especificador de IP do primeiro membro coordenado pode ser co-referente com uma expressão-R no segundo membro coordenado.

- (iv) He hasn't contacted me, but I'm sure John is back (MITTWOCH, 79).

Contudo, tem sido notado na literatura que os princípios B e C da Teoria da Ligação podem ser cancelados por factores de ordem discursiva (GRODZINKSKY e REINHART 93) É o que acontece em (v) e (vi) e, eventualmente, em (iv).

- (v) (Who is this man over there?) He_i is Colonel Weisskopf_i (GRODZINKSKY & REINHART 93)
- (vi) Everyone has finally realized that Oscar_i is incompetent. Even he_j has finally realized that Oscar_j is incompetent (EVANS 80)

(3) Note-se que, em KAYNE 1993, a relação de c-comando não se aplica a segmentos, mas apenas a categorias. Ora, como vimos, ao adoptarmos a presente análise das estruturas coordenadas com constituintes categorialmente idênticos, estamos a assumir que o XP em especificador de ConjP e a Projecção máxima que o domina são interpretados como segmentos de uma mesma categoria. Assim, integrando neste quadro de referência as propostas feitas, seríamos levados a concluir que nestas estruturas, o primeiro membro coordenado não c-comanda o segundo, podendo, no entanto

manter que um constituinte em especificador do primeiro membro coordenado e-comanda (assimetricamente) os constituintes presentes no segundo membro coordenado.

Referências:

- AMBAR (1992) "Temps et Structure de la Phrase en Portugais" in OBÉNAUER & ZRIBI-HERTZ (eds.) *Structure de la Phrase et Theorie du Liage*, Paris: Presses Universitaires de Vincennes.
- BRITO 1991 "Ligação, co-referência e o Princípio Evitar Pronome", *Encontro de Homenagem a Oscar Lopes, APL*. Gráfica Maiadouro. Maia.
- CHOMSKY 1993 "A Minimalist Program for Linguistic Theory", em HALE e KEYSER (1993) *View from Building 20*, The MIT Press, Cambridge, Mass..
- CHOMSKY 1994 "Bare Phrase Structure", ms.
- CHOMSKY & LASNIK 1991 "Principles and Parameters Theory", ms..
- COLAÇO BELO 1992 *Construções "Across-the-Board" em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. De Lisboa.
- DUARTE 1991, "Dependência vs Independência Referencial e co-Referência: algumas reflexões". *Encontro de Homenagem a Oscar Lopes, APL*. Gráfica Maiadouro. Maia.
- DUARTE 1994, "Propriedades de COMP em Construções completivas" *Actas do IX Encontro da APL*, Colibri, Lisboa, 1994.
- EVANS (1980) "Pronouns", *Linguistic Inquiry*, 11:2.
- GRODZINSKY & REINHART 1993 "The inateness of Binding and Coreference", *Linguistic Inquiry*, 24:1.
- KAYNE 1993 *The Antisymmetry of Syntax*, ms..
- LAKOFF & PETERS 1966 "Phrasal Conjunction and symmetric predicates". *Mathematical Linguistics and Automatic Translation*, Report No.NSF-17. Havard University. Computation Laboratory. Havard
- MATOS 1991 "Coordenação, Sujeito Nulo e Co-referência", *Encontro de Homenagem a Oscar Lopes, APL*. Gráfica Maiadouro. Maia.
- MATOS 1994 "A Distribuição de Despojamento", ms..
- PESETSKY 1982 *Paths and Categories*, Dissertação de PhD. MIT, Cambridge Mass..
- QUIRK & GREENBAUM 1973, *A University Grammar of English*, Longman, Harlow, Essex
- RAPOSO (1987) "Case Theory and Infl-to-Comp: The Inflected Infinitive in European Portuguese", *Linguistic Inquiry*, 18:1.
- REINHART 1983 *Anaphora and Semantic Interpretation* Croom Helm, London Sydney
- ROSS 1967 *Constraints on variables in Syntax*, Dissertação de PhD., MIT, Cambridge, Mass..
- WILLIAMS 1992 *Thematic Structure in Syntax*, The MIT Press, Cambridge, Mass..